

Burle Marx

MESTRE DOS JARDINS, DAS TELAS, DAS TAPEÇARIAS,
DAS ESCULTURAS E DE MUITO MAIS QUE NOSSA VÃ
FILOSOFIA POSSA IMAGINAR...

A primeira imagem que vem à mente quando se fala de Burle Marx é a da figura de paisagista. Conhecido e reconhecido mundialmente nesta arte, poucos sabem, no entanto, que foi (quase) um artista completo. Em uma das mais recentes publicações sobre seu trabalho, intitulada *Roberto Burle Marx*:

Arte & Paisagem, organizada em comemoração aos seus 95 anos por José Tabacow – seu colaborador por quase três décadas -, há um trecho que enfatiza esse aspecto (quase) desconhecido: “o lado experimentador de Burle Marx o levou a realizar projetos de paisagismo, pinturas, esculturas, desenho de jóias, serigrafia,





"Tríptico", acrílico sobre tela, de 1972, 130 x 480 cm

litografias, design de vasos de cristal, luminárias, pinturas em tecidos e tudo o mais que ele tivesse oportunidade de experimentar...".

Se muitas pessoas desconhecem até mesmo que foi pintor e escultor, o que dizer então que tenha sido designer de vasos de cristal? É surpreendente e mais um motivo de orgulho para todos nós brasileiros.

Desse extenso leque de manifestações artísticas, o acervo de obras de arte do Senado Federal tem o privilégio de contar com duas delas: **pintura** - um tríptico em acrílico sobre tela e um quadro a óleo localizados, respectivamente, no Hall do Anexo II e no gabinete da Presidência da Casa; e **tapeçaria**: um enorme e belo trabalho pendurado em uma das paredes do Museu do Senado, que ilustra nossa capa.

UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

Extraído de um informativo paulista, *Guia de Cotia On Line*¹, de 24 de dezembro de 2004, a SENATUS transcreve abaixo um breve histórico da vida de Burle Marx:

"Seu pai, Wilhem Marx, veio da Alemanha para o Brasil em 1895, e sua mãe, Cecília Burle, de Pernambuco. Em 04 de agosto de 1909, nasceu Roberto Burle Marx, em São Paulo, capital. Teve cinco irmãos. Em 1914, a família se transferiu para o Rio de Janeiro, onde Burle Marx realizou seus primeiros estudos.

"(...) artista é aquele que consegue expressar-se com inteligência. Por outro lado, para mim a arte é uma necessidade de encontrar um auto-equilíbrio. Existe no entanto, um lado da arte que é tão imponderável quanto a vida. Se pudéssemos explicar a razão de porque temos necessidade de perpetuarmo-nos, de porque vivemos..."

*Entrevista a Ana Rosa de Oliveira
fev. 1992
[www.vitruvius.com.br/entrevista/
burlemarx_5.asp](http://www.vitruvius.com.br/entrevista/burlemarx_5.asp)*



A partir de 1919, passou a residir numa chácara no bairro do Leme, Rio de Janeiro. Era um vasto terreno, com muita pedra e água. Dona Cecília, sua mãe, tomava conta do grande jardim. Ali também morava Ana Piaseck, sua “mãe de criação”. Juntas, cuidavam das crianças e ensinavam Roberto a lidar com as plantas. Data dessa época seu primeiro canteiro.

Nesse mesmo período, conheceu Lucio Costa, que vivia a poucos metros de sua casa. O autor do Plano Piloto de Brasília tinha, na ocasião, dezessete anos.

Burle Marx vivia num ambiente cercado de interesse pelas artes, em especial pela música, e demonstrava qualidades excepcionais para o canto, que estudou com a mãe.

Por volta de 1928, Burle Marx começou a sentir perturbações na vista. O pai decidiu seguir com toda a família para a Alemanha, não só para consultar um oftalmologista, como também para que Roberto aperfeiçoasse sua voz de barítono. Superados os problemas de saúde, estudou canto com o professor Flahm, que mostrou grande entusiasmo pelas qualidades vocais do jovem. É dessa época seu interesse pelas estufas do Jardim Botânico de Dahlem, onde descobriu plantas da flora brasileira reunidas por Eichler. Paralelamente, uma exposição retrospectiva de Van Gogh, na Alemanha, impressionou-o tão profundamente, que ele resolveu abandonar o canto para estudar pintura, retornando ao Brasil em 1929.

Inscreeu-se, em 1930, na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. A princípio, desejava seguir a carreira de arquitetura. Porém, aconselhado por Lucio Costa, inscreveu-se no curso de pintura. Conheceu, então, os estudantes e futuros arquitetos Oscar Niemeyer, Jorge Machado Moreira, Carlos Leão e os irmãos Marcelo e Milton Roberto.

Em 1931, Lucio Costa, então diretor da Escola Nacional de Belas Artes, convidou o professor alemão Leo Putz para dar aulas de pintura. Este exerceu profunda influência em Burle Marx, não só como mestre, mas também por sua cultura geral. Roberto também estudou escultura com Celso Antônio e com o pintor Pedro Correia de Araújo. Frequentando o meio intelectual carioca, conheceu o poeta Murilo Mendes, o crítico Lélío Landucci, o escritor José Lins do Rego, o cenógrafo e pintor Tomás Santa Rosa e o escritor Aníbal Machado.

A convite de Lucio Costa, em 1932, realizou seu primeiro jardim para a família Alfredo Schwartz, sendo o projeto arquitetônico do próprio Lucio Costa e de Gregori Warchavchik. Era um jardim no terraço da primeira residência carioca com arquitetura modernista, hoje demolida.

Mais uma vez, a convite de Lucio Costa, realizou um segundo jardim, em 1933, para a residência de Ronan Borges, também demolida atualmente.

É convidado, em 1934, para exercer as funções de diretor de Parques e Jardins, em Recife, Pernambuco. Ali permaneceu



Sem título, tapeçaria, de 1973, 320 x 480 cm

até 1937, alternando seu trabalho com algumas estadas no Rio de Janeiro. Conheceu, então, os intelectuais Gilberto Freire, o pintor Cícero Dias, o engenheiro e poeta Joaquim Cardozo, o crítico Clarival do Prado Valladares e seu irmão, o crítico e museólogo José Valladares, e o escritor Graciliano Ramos. Datam dessa época os projetos para a Praça Euclides da Cunha (Cactário da Madalena), o Jardim da Casa Forte – primeiros trabalhos de caráter público com plantas brasileiras; a reforma dos jardins da Praça da República, o jardim da Praça do Derby e da Ilha dos Amores e o projeto da Praça Artur Oscar. Nessa

ocasião, a imprensa registra que Burle Marx desejava, sobretudo, “livrar os jardins do cunho europeu, sempre seguido entre nós”. E conclui “Também temos que fugir à feição romântica, uma vez que o jardim acompanha o progresso da humanidade”.

Interrompendo seus estudos de pintura, em virtude de sua atividade em Pernambuco, Burle Marx retornou periodicamente ao Rio de Janeiro para freqüentar as aulas do pintor Cândido Portinari, então lecionando na Universidade do Distrito Federal.

Deixou o Recife, em 1937, por motivos políticos. De volta ao Rio, foi convidado por Portinari para ser assistente na execução dos murais do Ministério da Educação sob o tema "O homem e o trabalho".

Em 1938, projetou os jardins do Ministério da Educação e Saúde, ligando-se à equipe de Lucio Costa, formada por Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira, Carlos Leão e Ernani Vasconcelos. Realizou inúmeros projetos de jardins, inclusive o jardim da residência de Roberto Marinho, que muito impressionou Oscar Niemeyer que, na época, projetava o conjunto da Pampulha.

À medida que o tempo avançava, mais se evidenciava e se intensificava a atividade artística de Roberto Burle Marx. O elenco dos projetos realizados demonstrava a magnitude de seu trabalho, tanto no sentido público, social, como na sua inconfundível individualidade.

A partir de 1968, desenvolveu seus projetos em equipe com os arquitetos Haruyoshi Ono,

ainda hoje dirigindo o escritório que foi do paisagista.

Adquiriu, em sociedade com seu irmão Guilherme Siegfried Marx, em 1949, um sítio de 800.000 m², em Campo Grande, Estado do Rio de Janeiro. Embora desde menino tenha coletado plantas, foi nesse terreno que finalmente se abriu a possibilidade de melhor organizar uma respeitável coleção botânica. Começou, então, a realizar inúmeras incursões de coleta no território brasileiro, estabelecendo acordos de permuta com os jardins botânicos de Kew Gardens, Londres, e do Brooklyn Botanic Garden, Nova York, e com produtores comerciais do Brasil e do exterior. A coleção assumiu proporções que exigiram um

crescente esforço de manutenção. Para garantir sua perenidade, indenizou o irmão e doou ao Governo brasileiro não apenas as plantas, mas também o terreno, as construções, suas coleções de objetos de arte e demais benfeitorias do sítio.

Com quase 85 anos de idade, faleceu no Rio de Janeiro em 1994.

"(...) é preferível fazer, errar e depois acertar, mas fazer sempre".

Entrevista a Ana Rosa de Oliveira, fev. 1992.
www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq013/bases/01tex.asp

ARTE & Paisagem é publicado em comemoração aos 95 anos de Burle Marx.

Disponível em: <http://www.guiadecotia.com.br/materias/20040802_leitura.asp>. Acesso em: 04 jan. 2005.



Haruyoshi Ono

Burle Marx